

## Mestiçagem na fronteira Brasil/Bolívia

MONTECCHI, ACIR FONSECA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda a questão da mestiçagem na Fronteira Oeste do Brasil a partir de trabalho de pesquisa realizado no âmbito de Perícia Judicial para responder aos quesitos apresentados pelos Autores, Ministério Público Federal, Advocacia Geral da União, além dos quesitos complementares da Procuradoria Federal Especializada/FUNAI. Para tanto, elegemos como marco referencial para o desenvolvimento da pesquisa o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Área Terra Indígena Portal do Encantado (Povo Indígena: Chiquitano), que afirma ser o povo Chiquitano resultado de um amálgama de diferentes grupos indígenas.

### Introdução.

A área objeto da demanda encontra-se localizada dentro da faixa de fronteira Brasil/Bolívia, conforme estabelece a Lei 6.634 de 02/05/1979, que regulamenta da Faixa de Fronteira, estabelece a largura de até 150 quilômetros ao longo das fronteiras terrestres. Embora a área sub judice refira-se tão-somente à região de Fazendinha e Acorizal, fez-se necessária a realização de coleta de dados em áreas de entorno de Fazendinha e Acorizal, localizadas na região denominada *Fortuna* no município de Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, distantes 234 km do município de Cáceres/MT. Incluiu-se ainda na área de coleta de dados localidades como Vila Picada, Comunidade de Santa Clara (Ponta do Aterro), São Fabiano, Vila Nova, Porto Esperidião, Cáceres, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá e outras na Bolívia.

Para a realização deste trabalho fizemos um planejamento envolvendo: estudo prévio do processo, tomada de ciência do conteúdo e das abordagens que originaram os

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Mestre em História.

quesitos das partes, tudo com a intenção de permitir e facilitar o exame dos documentos necessários.

Decorrente do referido relatório, em 2010, a Portaria nº 2.219, de 30/12/2010 emitida pelo Ministério da Justiça, declarou a posse permanente do grupo indígena Chiquitano a terra indígena PORTAL DO ENCANTADO, com superfície aproximada de 43.054,00 (Quarenta e três e cinquenta e quatro hectares).

Em razão da área pretendida pela FUNAI estar sub judice, Ação Ordinária, processo nº 2005.36.01.001071-8, em que litigam o Espólio de Marcelo Leite de Miranda, referente à parte técnica da área localizada na região da Fazendinha e Acorizal, emergiram questões relacionadas ao seu processo histórico cultural de ocupação.

Para tanto, fizemos pesquisa bibliográfica, percorremos fontes textuais e orais e através de medições topográficas, coleta de campo, etnografia (sonora e visual), inventariamos e analisamos dados relevantes de 120 informantes.

## **Intervenções coloniais e criações mestiças**

Segundo Ofício nº 95/2011/INCRA/SR (13)F, a Fazenda Acorizal pertencente a Marcelo Leite de Miranda, sobrepõe em 4.556,00 hectares ao Portal do Encantado, bem como, incide em 130,00 (Cento e trinta hectares) sobre a Gleba Tarumã.

Há indícios de ocupação da referida área desde 1870, quando do processo de exploração econômica que levou para aquelas terras brasileiros e bolivianos de diferentes localidades, matizes culturais e interesses diferenciados.

Dado o estudo do processo, de farta documentação e dos trabalhos de campo realizados, a Perícia interpretou que, não há ocupação indígena na área objeto da demanda, trata-se tão-somente de ocupação realizada por populações provenientes de diferentes fluxos em diferentes temporalidades, num processo de amalgamação, constituindo uma população mestiça. (GRUZISNKI, 2001)

Não havendo, portanto, ocupação indígena na área objeto da demanda e compreendendo a população que habita essas terras como população mestiça. Observamos que as práticas cotidianas da população que hoje ocupa a área objeto da lide, expressam mistura, mescla, resultantes de intensos fluxos culturais.

Contraria, portanto, a nossa interpretação, a identificação da população de Fazendinha e Acorizal como população indígena emergida do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Portal do Encantado (Povo Indígena: Chiquitano).

*Podemos inferir que não apenas as línguas originais foram esquecidas, mas que houve, pela convivência de vários séculos, um interessante processo de amalgamação cultural, onde vários povos distintos perderam sua singularidade original e criaram uma nova cultura e onde as várias histórias dissolvem-se em apenas uma: a história do povo aldeado pelos jesuítas.* (SILVA, 2005: 12)

Apoiada em Créqui Monfort e Paul Rivet, 1913 e Meireles, 1989, a coordenadora do GT de identificação descreve o histórico do povo Chiquitano: “O povo Chiquitano resulta de um conjunto de povos - Samucos, Paikoneka, Saraveka, Otuk, Kuruminaka, Kuravé, Koraveka, Tapiis, Korakaneka, Manacica e Paunaka, entre outros.” (SILVA, 2005: 12)

De um lado, valendo-se de fontes escritas o relatório levanta o “percurso histórico do povo Chiquitano”, e reconhece que o século XVI demarca na Bolívia o início de um processo de rupturas, de quebras de originalidades e singularidades, ou seja, reconhece e identifica o desenvolvimento de um processo de mistura, de mescla ou de amalgamação.

Por outro, faz uma operação histórico/discursiva (CERTEAU, 1982) para atribuir sentido e “identidade indígena” aos moradores de Fazendinha e Acorizal. Além desse, faz outros dois procedimentos: isola, exterioriza as referidas comunidades e naturaliza os valores sociais e estéticos introduzidos pelos evangelizadores cristãos dos séculos XVII e XVIII, com intenção de como já dissemos, sustentar no século XXI a “identidade Chiquitana” expurgada de qualquer presença não indígena.

Porém, a adoção de tais procedimentos significa mais do que a identificação de um “povo Chiquitano” em Fazendinha e Acorizal, é a aceitação de que as culturas são miscíveis, por princípio. Foi esse princípio que possibilitou compreender que nos aldeamentos jesuíticos, cosmologias<sup>2</sup> e rituais autóctones fossem substituídos por outros arranjos a exemplo do cristianismo. Tal princípio possibilita na prática, por exemplo, compreender que: o carnavalito e o kurusé (danças tidas como da tradição dos

---

<sup>2</sup> Veículos de transmissão de conhecimentos a respeito do homem com o mundo.

Chiquitano) foram e continuam sendo re-significações, portanto, manifestações mestiças em permanente transformação.

O método reducional jesuítico (aldeamento) teve segundo (Santamaría, S/D) muitos desdobramentos: na ecologia, na utilização dos recursos naturais e ainda, na organização social e econômica. Alude o referido pesquisador que religiosos da Ordem dos Jesuítas e depois os Padres Seculares no controle sobre o sistema de produção das reduções levaram à dissolução, o modo de vida nômade com caça e coleta de alimentos à medida que os disciplinaram para o trabalho. Assim, são questionáveis as indicações do relatório (pp. 56, 60 e 66) de que a população da área sub comento tem na sua “base alimentar” e também na formação de sua “tradicionalidade e identidade” a coleta de alimentos e a caça.

Podemos relativizar e compreender o olhar do século XVIII de que as populações provenientes dos aldeamentos jesuíticos em dissolução fossem índios. Na carta de 25 de dezembro de 1779, o Governador de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres justificou a compra da Fazenda Nacional da Caiçara alegando que:

*Com vistas a aumento e melhoramento da Vila Maria do Paraguai, de erigir igrejas e casas, de abastecimento e de promover a agricultura e dar princípio a fábricas de tecer sem obrigar a Real Fazenda à groça despeza de lhe estar comprando... carne, ...tanto que espero que dentro em poucos tempos, no caso de se administrar com cuidado, não só esta se indemnizará amplamente do despendido, mas que poderá ainda utilizar se por modo concideravel, vendendo boas porções do dito Gado para o consumo desta Capital. Deduz-se então, que o governador de Mato Grosso está acolhendo uma população, apta para o trabalho e para o processo de produção comercial, uma população em fuga, mas uma população capaz de produzir o seu sustento, portanto que não vive apenas da caça e da coleta de alimentos. (PEREIRA E CÁCERES, 1799)*

Comprendemos que a inter-relação dos povos autóctones com os religiosos europeus pode ser tomada como um marco. Marco de compreensão a partir do qual se percebem populações mestiças com muitas variáveis, resultante de conexões, de múltiplas experiências, de fluxos culturais nos quais se inserem as populações da fronteira Brasil/Bolívia e que, portanto, não podem ser tratadas a partir de concepções rígidas que tendem ao seu empalhamento ou mumificação.

A respeito do resultado dos fluxos culturais Durval Muniz de Albuquerque Junior<sup>3</sup> diz: a mistura é a dissolução de idênticos e produção de um terceiro termo ou uma terceira possibilidade sempre indefinida, sempre instável, sempre em mutação, sempre potencialmente outra.

Verificamos então, que o relatório traz em si uma contradição fundamental, quando muda a maneira de ver, observar, estudar a população de Fazendinha e Acorizal, abandonando a premissa do amalgamento, das misturas, das trocas que serviram para a identificação dos “povos Chiquitano” em favor de uma hipótese rígida que permitiu pensar em unidade cultural, autenticidade cultural de maneira fixa para os moradores da Fazendinha e Acorizal.

Vejamos como essa contradição se estampa nas palavras de Joana A. Fernandes Silva:

*Os estudos mencionados também propiciaram um volume de informações que permitem afirmar com segurança que, apesar de todos os percalços, eles mantêm uma unidade enquanto povo e compartilham uma cultura que envolve sua história, certamente muito complexa. (SILVA, 2005: 24).*

Como se pode observar, mais de dois séculos depois da dissolução das reduções jesuíticas, o relatório trata da identificação de “traços” que configuram a suposta unidade cultural dos moradores da área sub judice. Segundo o relatório esse traços são: modelo de habitação, redes, artesanato, emprego de plantas medicinais e lugares sagrados e etc.. No entanto, através das nossas pesquisas de campo verificamos que os “traços identitários” encontrados naquelas comunidades são elaborações discursivas que não teriam aplicação prática, ainda que fosse possível isolar os moradores e com isso perpetuar suas práticas cotidianas.

O relatório indica ainda, uma suposta ausência de informações sobre determinadas temporalidades, há vazios de informações sobre os Chiquitanos de cerca de 50 anos, (...) “que cessam logo após a década de 1930” (p. 18). No entanto, a nossa pesquisa encontrou fontes documentais e historiográficas que permitem contestar essas afirmações, entendendo, sobretudo, que tais afirmações de alguma maneira, reforçam a ideia de isolamento.

---

<sup>3</sup> Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre cultura no Brasil.

João Ivo Puhl, por exemplo, produziu reflexões sobre as atividades econômicas e fluxos de ocupação:

*As atividades agropecuárias, mineradoras e comerciais foram exercidas, na Chiquitania e em Mato Grosso, principalmente, por forasteiros capitalizados ou associados a capitais já instalados na região...*

*(...) Este quadro foi se modificando também desde a década de 1870, quando as indústrias de carnes: charques e extratos se instalaram na fazenda Descalvados com capitais estrangeiros, depois na Ressaca e Barranco Vermelho, já no século XX, nas margens do Rio Paraguai com capitais nacionais associados a estrangeiros, em vista de integração ao mercado internacional, conectando-se na Bacia do Prata. (PUHL, Relatório pesquisa FAPEMAT, 2007)*

Observou ainda que:

*(...) Na faixa de fronteira Mato Grosso/oriente boliviano, predominou a pequena escala, quando o mercado de minérios, da borracha, castanha, poaia, peles de animais silvestres e produtos da pecuária, foi monopolizado por famílias de comerciantes alemães, italianos, espanhóis, franceses, uruguaios, argentinos, belgas, sírio-libanês, que integravam a nível local e regional, os intermediários para receber e comprar a produção e distribuir as mercadorias importadas. (Idem)*

Os belgas no início do século passado, segundo (GARCIA, 2009), trouxeram para as terras da Descalvados, para os campos de criação, nos quais se incluíam os campos da região da fortuna e para o vale do Guaporé, além de trabalhadores belgas, os de origem platina (corrientinos e paraguaios) como extratores de borracha. Trouxeram também grande número de cearenses, conforme levantou GARCIA, a partir dos comentários de François van Dionant, o primeiro administrador de Descalvados, informando a respeito do grande número desses cearenses que morreram vítimas da varíola naquela região.

Refletimos a respeito dos fluxos de ocupação de não índios ocorridos no final do século XIX e início do XX. São pertinentes outras compreensões a respeito da região da Fortuna onde se localiza a área sub judice. Para tanto, esta perícia buscou através de certidões de cadeia dominial, certidões de inteiro teor, senso militar e mapas, compreender como essa região fronteira, incluindo a área sub comento, se vinculou a práticas econômicas, nas quais se insere a produção de bovinos que alimentou o processo produtivo das charqueadas de Descalvados, Barranco Vermelho e outros.

Esta questão ocupa uma das questões centrais dos estudos, portanto, as respostas seguintes buscam explicitar a dedução de que não há ocupação indígena na área objeto

da demanda e sim, uma mescla de população que originou a formação das famílias que atualmente habitam essas terras.

Atualmente, os moradores da região em comento realizam atividades remuneradas (trabalho) em estabelecimentos diversos e desenvolvem culturas anuais e perenes de subsistência, com lavoura de milho, feijão, mandioca, banana, arroz de sequeiro, cana, algodão, café, abacaxi, citros, acerola, mamão, aves domésticas, criação de pequenos animais e bovinos em pequena escala, etc.

Quando apreze a pergunta: Qual ou quais os grupos de origem ameríndia habitam essas terras? Respondemos: Não identificamos a população da área objeto da lide como população ameríndia.

Portanto, não há concordância com o Relatório Circunstanciado de Identificação/2005 que identificou como população indígena os moradores da área, que se encontra na fronteira sudoeste de Mato Grosso e oriente boliviano.

Entretanto, acolhemos a premissa de que as populações da fronteira Brasil/Bolívia resultam de processos de amalgamação cultural e que tem sua origem na fusão de diferentes sociedades. Assim, a afirmação de que diferentes sociedades em contato mesclam, misturam, é pertinente, o processo de amalgamação é isso, misturação ininterrupta de práticas culturais, sujeitas permanentemente a mudança. Como assevera o historiador Sérgio Gruzinski, as misturas desarranjam e rearranjam, criam valores mesclados. O que garantiu a ocupação dessas áreas até o presente momento foram tais improvisações. Portanto, pode-se inferir que a população da área em litígio é fruto de fusão que aponta para infinitas variáveis de mistura populacional. (GRUZINSKI, 2001)

Datar categoricamente a ocupação da área sub judice é tarefa de grande complexidade, principalmente porque a fronteira Brasil/Bolívia como um todo experimentou diferentes fluxos de população. Entretanto, esta perícia, deduziu através de fontes textuais e orais que a população atual de Fazendinha e Acorizal, está indelevelmente ligada ao processo de exploração econômica iniciado em 1870 e que levou para aquelas terras brasileiros e bolivianos de diferentes localidades, matizes culturais e interesses diferenciados: de subsistência, políticos, militares, religiosos e outros.

Para compreender o processo de ocupação da área objeto da lide podemos tomar como marco referencial os aldeamentos jesuítcos nos séculos XVII e XVIII que como já dissemos anteriormente, deu início através da junção, da mescla, a um vigoroso processo de mistura de povos, todavia, esse não foi o único movimento de ingresso e deslocamento de populações. Podemos citar: a constituição das cidades bolivianas; a disputa territorial Portugal/Espanha; a instalação de Vila Bela da Santíssima Trindade 1752; a fundação de Villa Maria do Paraguai 1778; a compra da Fazenda Nacional da Caiçara 1779; as disputas territoriais Brasil/Bolívia; a decadência da mineração no fim do século XVIII; a abertura da navegação fluvial pela região platina 1856; a Guerra do Paraguai 1864/70; a reabertura da navegação fluvial na bacia platina 1870; a instalação da indústria de carne de Descalvados 1870; a instalação de produtores de bovinos nos campos da Fronteira Oeste e Pantanal 1895; a instalação da Usina de Ressaca e Barranco Vermelho no final do século XIX; a Revolução de 1930; a Guerra do Chaco 1932; a construção da ferrovia Corumbá/Santa Cruz de Sierra, ligando Porto Soares ao rio Paraguai, inaugurada em 1959; a instalação dos destacamentos militares brasileiros e bolivianos a partir de 1940; a Batalha da Borracha 1942/45, o incremento das atividades extrativistas e de criação de bovinos na fronteira Brasil/Bolívia a partir de 1950; o aprimoramento e consolidação das atividades pecuárias com a abertura da MT 265, suas variantes e etc.

“Ninguém nega o passado indígena, porém não somos índios, mas mestiços. Nós não somos índios porque não vivemos como índios, guiados pelos códigos e os signos que caracterizam as sociedades indígenas.” Assim respondeu o professor Oscar da comunidade de Marco de Porvenir - Marquito-BO em reunião na noite de 28/03/2011, 19h.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**; Tradução Fernando Tomaz. 13ªed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. **Território e negócios na “Era dos Impérios”: os belgas na fronteira oeste do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Ed. ABDR, 1989.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LEVI- STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Tempo Presente, 1996.

MOREIRA DA COSTA, José Eduardo Fernandes. **A Coroa do Mundo: religião, território e territorialidade Chiquitano**. Cuiabá, MT: Editora da Universidade de Mato Grosso, 2006.

PUH, João Ivo. **Historia das Praticas Políticas e Culturais Chiquitana em Comunidades Rurais da Província de Velasco-BO e de Mato Grosso-BR, de 1953-2006**. Processo FAPEMAT. 004.056/2007.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes. **Relatório de Identificação Delimitação da TI Portal do Encanto/MT, de Ocupação Tradicional do Grupo Indígena Chiquitano**. 2005.

## **OBRAS CONSULTADAS:**

ALBUQUERQUE JUNIO, Durval Muniz. **Receitas Regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008.

<http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/durval.pdf>

[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/fragmentos\\_di\\_scurso\\_cultural.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/fragmentos_di_scurso_cultural.pdf)

CANCLINI, Néstor García. Ivanilton José de Oliveira. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.392p.

[www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/download/3981/3599](http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/download/3981/3599)

LOPES, Maria. **Grupos indígenas na fronteira oeste de Mato Grosso e suas Relações com os Militares brasileiros no Século XIX.** Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS, Seminário Temático Os Índios na História: Fontes e Problemas, 15-20 de junho de 2007.

<http://www.raco.cat/index.php/BoletinAmericanista/article/viewFile/98465/146099>

SANTAMARIA, Daniel J. Fronteiras Indigenas Del Oriente Boliviano Las dominacion en moxos y Chiquitos.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes. IDENTIDADES E CONFLITO NA FRONTEIRA: PODERES LOCAIS E OS CHIQUITANOS. IDENTITIES AND CONFLICT AT THE FRONTIER: LOCAL POWERS AND THE CHIQUITANOS. 2008.

<http://www.scielo.org.ar/pdf/memoam/n16-2/n16-2a01.pdf>

SILVA. Joana Aparecida Fernandes. Chiquitano. Antropóloga e professora. 2000.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/chiquitano/print>

#### **FONTES ESCRITAS:**

Associação São Sebastião – Fortuna. Pontes Lacerda - MT.

Certidão de Cadeia Dominial e de inteiro Teor- 1º Cartório. Cáceres/Mirassol do Oeste/Pontes e Lacerda – MT.

Relação Nominal de Moradores do Destacamento Fortuna – 1981. Arquivo 2º B FRON. Cáceres.

Levantamento para Emissão de Registro Civil Indígena. Ordem de Serviço de Identidades Portal do Encantado Padre Aloir Pacini – FUNAI.

Levantamento para Emissão de Registro Civil Indígena. Ordem de Serviço de Identidades no Barbecho. Padre Aloir Pacini – FUNAI.

Documentos – Carta de Fundação de Vila Maria do Governador de Mato Grosso Luis de Albuquerque de Mello Pereira Cáceres. UFMT/NDHIR/1978.

Documentos- Solicitação da Compra da Fazenda Caiçara. UFMT/NDHIR/1978.

Proposta para Discriminatória Administrativa de uma Área 322, 000,00 has denominada GLEBA TARUMÃ no Município de Cáceres -MT e Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. - Unidade Avançada do INCRA de Vila Bela da Santíssima Trindade - MT.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Arquivo Público de Mato Grosso – Documentação Sesmaria.